

Quando o capital amoroso termina¹

Patricia Badari

"Por que surge uma reação de curto-circuito numa pessoa totalmente adaptada e bem estabelecida? [...] Como e por que surge um curto-circuito?"². Essas perguntas de Ingmar Bergman permearão todo o enredo de seu filme, seus personagens e nós, espectadores de *Da vida das marionetes*³. Cada personagem, cada cinéfilo ou cada sujeito dará sua interpretação dos motivos de Peter Egerman matar uma prostituta e fazer coito anal, após tê-la assassinado.

Esse pequeno texto pretende levantar uma hipótese de resposta às perguntas de Bergman, embora saibamos que sempre restará uma opacidade com relação a uma decisão tão subjetiva como um assassinato, a realização de um filme, de um texto.

De toda forma, que significação subjetiva poderíamos supor sobre esse ato criminoso ou subjetivo⁴? Onde poderíamos localizar algo que enuncie um curto-circuito ou a "destruição do planejamento do sistema de segurança" do personagem Peter, como ele próprio diz?

Alguns dias antes do assassinato, Peter procura um psiquiatra e nessa conversa parece revelar o estatuto de semblante do discurso. Mais precisamente, denuncia o gozo singular que comanda ou condiciona a vida de cada marionete, bem como seu casamento tão bem sucedido!

Por um longo tempo de sua vida, Peter pôde se valer desses semblantes. Mas, agora não mais. O capital amoroso, como Peter o chama, ou o capital sintomático que o unia à sua esposa e que gerava rendimento e lucro aos amantes, não está mais disponível. Isso acabou. O arcabouço da linguagem e dos semblantes, não serve mais como recurso ao laço social.

Assim, dado o término desses artifícios, a via da passagem ao ato foi a solução encontrada por esse sujeito?

O capital amoroso

Peter Egerman conheceu sua esposa Katarina quando estava na faculdade. Terminou um noivado que tinha na época e casaram-se. Ou melhor, constituíram um capital amoroso que os manteve unidos por um longo tempo - criaram um jogo e aceitaram as regras deste, mesmo sem terem o talento para jogá-lo.

E qual seria esse jogo? Quais as suas regras? A infidelidade e fazer amor sem emoções? Era a esse ideal que Peter parecia agarrar-se, por lhe dar uma identidade: ser um homem infiel e ser o homem de uma mulher infiel. Isso pôde articular algo de seu gozo e lhe dar uma significação sobre a virilidade, embora essa restasse sempre enigmática para Peter.

Poderíamos dizer que a infidelidade era o que para ele tornava essa mulher menos preciosa? Fazer amor sem emoções mantinha Peter afastado da questão erótica e à distância do encontro com o real do sexo? Era isso o que singularizava e tornava possível seu "contrato sintomático"⁵ com esta mulher, mesmo que de modo muito precário.

Mas, "desperdiçaram tudo sem necessidade, porque não tinham talento para o jogo e foram trapaceados"⁶ ao final. O que Peter parece revelar, durante todo o filme, é o vazio da referência e que o dizer é uma trapaça, pois o que resta, sempre, é algo que diz respeito ao gozo, aquém de qualquer articulação.

Esse jogo foi a tentativa de Peter de fazer existir a relação sexual, que não há. Foi sua invenção singular para se organizar com o gozo, no encontro com o outro sexo e, sobretudo, nessa parceria com Katarina. Um modo de gozo

fora da "conotação moral negativa"⁷, fora de um universal, mas desarticulado do discurso.

Apesar da angústia sempre presente, Peter conseguiu se servir desse contrato por um tempo. Mas, quando o que não é contabilizado e só tem valor de uso não está mais disponível ou não está articulado em um discurso; quando o que excede ao semblante de um casamento aparece em sua presença perturbadora e desequilibra todo e qualquer contrato sintomático; o que resta a esse sujeito? Subtrair-se dos equívocos da palavra e precipitar-se no agir?

Katarina, como esposa infiel, dava-lhe um estatuto de homem e lhe permitia identificar-se ao tipo ideal de seu sexo: homem. Contudo, é esse mesmo parceiro que tem um efeito devastador para o sujeito, ao se encontrar com a falta de limite do lado da mulher. Uma mulher que lhe exige sempre mais e mais e que tem um pequeno sorriso nos lábios: a encarnação de um gozo absoluto. Diante disso e sem seu precário capital, Peter se vê como "uma espécie de carne moída feita de sangue e nervos"⁸ - puro objeto.

A palavra, os sonhos poderiam apaziguar o gozo desenfreado e colocar à distância esse parceiro de devastação. No entanto, é em um sonho que "não é um sonho no sentido comum; que é uma experiência que pareceu mais real e terrível que a realidade banal da vida cotidiana"⁹; é justamente aí, que aparece a presença maciça do objeto no real. É quando o que não pôde ser simbolizado e nem inscrito em um discurso retorna no real, numa "experiência mais real e terrível que a realidade banal", que a passagem ao ato é a única solução possível para esse sujeito.

Matar Katarina - Katarina Kraft, a prostituta - e em seguida fazer sexo anal com ela, foi sua saída para aniquilar esse objeto no real. Um deslizamento de Katarina esposa para Katarina prostituta, uma profissional do saber gozar e que fez dele, também, puro objeto.

Se sua demanda endereçada ao psiquiatra, sobre um saber fazer com esse gozo que irrompe no real, não pôde ser recolhida, anteriormente; se não tinha talento para sustentar a regra do jogo - manter a infidelidade e "fazer amor de modo sensual, mas sem o caráter erótico"¹⁰; se o encontro com o outro sexo tem um efeito devastador para esse sujeito; que saídas seriam possíveis?

Talvez, um novo uso singular da linguagem que recobrisse algo desse objeto vivido como real. Embora saibamos que sempre haverá um resto irreduzível a qualquer articulação.

A passagem ao ato, matar a Katarina prostituta foi sua saída. Peter não se utiliza mais, mesmo que rudimentarmente, do arcabouço da linguagem. Foi sua decisão subjetiva, diante da insondável decisão do ser.

¹ Texto apresentado em mesa simultânea no IV Encontro Americano de Psicanálise Aplicada da Orientação Lacaniana (ENAPAOL), XVI Encontro Internacional do Campo Freudiano. Buenos Aires, dezembro de 2009.

² Bergman, I. (1981). "Prefácio". In *Vida de marionetes*. Rio de Janeiro: Nórdica, p. 6.

³ Idem. (1980). *Da vida das marionetes*. [DVD]. Alemanha e Suécia.

⁴ Miller, J.-A. (2008). "Rien n'est plus humain que le crime". In *Mental - Revue Internationale de Santé Mentale et Psychanalyse Appliquée*, (21). Fédération Européenne des Écoles de Psychanalyse.

⁵ Miller, J.-A. & Laurent, É. (2005[1997]). "El partenaire síntoma". In *El Outro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, p. 418.

⁶ N.T. Fala do personagem Peter Egerman no filme Bergman, I. (1980). *Op. cit.*

⁷ *Ibidem.*

⁸ *Ibidem.*

⁹ *Ibidem.*

¹⁰ *Ibidem.*